

| **EMPREENDEDORISMO** | Como o microcrédito está mudando a vida das pessoas na periferia de Fortaleza e no Ceará

A força dos pequenos



IRNA CAVALCANTE

irnacavalcante@opovo.com.br

Sabe aquele HD que não funciona mais, o fone e o mouse que quebraram e não têm mais jeito? Nas mãos do artista plástico Sérgio Lima, de 48 anos, transformam-se em cofres, porta-chaves, jogos de tabuleiro, jardim vertical e objetos decorativos como joaninhas, caranguejos, robôs e dinossauros.

Todo este material que chama atenção pela estética e durabilidade são feitos no ateliê Resíduos Tecnológicos Sustentável, que funciona nos fundos de uma pequena loja de informática no bairro José Walter, na periferia de Fortaleza.

“Dava dó jogar fora esse material, que leva, muitas vezes, 450 anos para se decompor. Daí veio a ideia de reaproveitar o produto, que normalmente é feito de material nobre, com brilho. Se foi criado para ser um monitor, não é porque parou de funcionar que perdeu a função. Pode virar uma bandeja, um porta-chaves”, diz Sérgio.

O leque de possibilidade de reúso é imensa. Mas para começar o negócio, em 2010, o capital inicial era bem limitado. Tampouco dispunha de bens para oferecer de garantia. Foi quando falar do microcrédito por amigos e decidiu arriscar. Conseguiu R\$ 700 para comprar seu primeiro lote de sucata. “E foi bem rápido. No Crediamigo (operado pelo Banco do Nordeste do Brasil - BNB), eu tive a liberdade de dizer quanto precisava. Mesmo sendo o valor inicial pouco, tive. Foi tudo sem burocracia, então, vi a oportunidade de crescer e ter o banco como meu apoio”, relata.

Outros empréstimos maiores vieram depois. Sempre em conjunto com vizinhos do bairro, no qual um funcionava como avalista do outro. A produção no ateliê que começou pequena, com 15 peças por mês, hoje, está em torno de 300 unidades. E o trabalho que era feito sozinho, agora, é realizado em parceria com mais sete famílias, do próprio bairro, que ele mesmo capacitou, e que agora recebem parte da renda pela venda dos produtos.

O microcrédito, modalidade de crédito implementada no Brasil ainda na década de 1970, tem sido a porta de entrada para muitos pequenos empreendedores de baixa renda que não dispõem de bens, fador ou até mesmo acesso aos sistema financeiro tradicional.

“Existe um Brasil que, muitas vezes, não é conhecido. Que não

teve as mesmas condições de acesso, mas que não deixa de ser trabalhador, aguerrido. E que, em um cenário como o que estamos vivendo de altas taxas de desemprego, só precisa de oportunidade para montar ou continuar seu negócio”, observa o mestre em Administração e professor da Universidade Estadual do Ceará (Uece), Plácido Castelo Neto.

De acordo com dados do Banco Central, só no quarto trimestre de 2018, foram realizadas mais de 2,4 milhões de operações de microcrédito no País. O valor movimentado chegou a R\$ 6,2 bilhões em igual período.

O professor pontua que, apesar de o volume de crédito emprestado ser baixo (pode chegar no máximo a R\$ 15 mil pelo Programa de Microcrédito Direcionado), este é um tipo de ferramenta que tem um impacto significativo na microeconomia local. “Cada real injetado em atividades empreendedoras em ambientes mais carentes é como se valesse por trinta. Tem um efeito multiplicador fenomenal porque aquele dinheiro, na maioria das vezes, circula e gera emprego na própria mercearia do bairro, no mototáxi, na padaria, diferentemente de uma grande indústria. É um ambiente sedento de oportunidade e ávido para consumir”, reforça.

MAURI MELO



Emprego e renda

Ferramenta para combater a desigualdade

Criar alavancas financeiras para empreendedores, que podem menos, tornam-se ainda mais necessário em estados onde a concentração de renda é muito grande. E o Ceará é um exemplo. Embora os microempreendedores individuais e empresas de pequeno porte sejam 86% das empresas ativas nos cadastros da Junta Comercial (Jucec), a arrecadação de Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) desta categoria que, em 2018, somou R\$ 588,3 milhões, representou apenas 4,9% do total arrecadado no período.

Mas a situação já foi bem pior. Em dez anos, a arrecadação de ICMS destas modalidades de negócio no Estado era de R\$ 261,3 milhões. Houve uma alta de 124,5% no período.

“Esta é uma ferramenta que, em vários lugares, já conseguiu mudanças muito representativas no que se refere a desenvolver o empreendedorismo de pessoas de baixa ou baixíssima renda. A ideia é dar um

empurrãozinho para que aquela pessoa que está precisando de pouco dinheiro para comprar a máquina de costura ou o fogão para cozinhar possa empreender e que, dificilmente, encontraria nas linhas de crédito convencionais”, avalia o professor dos MBAs da Fundação Getúlio Vargas (FGV), Ricardo Teixeira.

Para Jéssica de Freitas, 26, que era camelô, o microcrédito do programa Prospera, do banco Santander, foi primeiro uma oportunidade de garantir a sobrevivência na barraca de produtos eletrônicos erguida no meio da rua. Mas depois a chance de ir para a formalidade. Há um mês, ela tem uma loja na Galeria Pedro Jorge, no Centro de Fortaleza, vendendo no mesmo segmento, mas com mais opções e em maiores quantidades.

“Eu já tinha colocado na minha cabeça que não queria ficar na rua, queria algo melhor, e sem dúvida o microcrédito me ajudou muito nisso, abriu portas, acreditou em mim”, comemora.

PARA QUEM E COMO ACESSAR

O microcrédito é uma modalidade de empréstimo destinada a impulsionar pequenos negócios, formais ou informais. Seja para quem está apenas começando ou aqueles que precisam de recursos para investir em estoque, reformas, equipamentos novos ou expansão. Em geral, são concedidos com menos burocracia, exigências e taxa de juros mais acessíveis que a de outros tipos de crédito do sistema financeiro tradicional. Por outro lado, os valores e o prazo para quitar a dívida também são menores. Pelo Programa Nacional de Microcrédito Produtivo Orientado (PNMPO), voltado para negócios com receita bruta anual de até R\$ 200 mil, é possível conseguir empréstimos de até R\$ 15 mil.



A SÉRIE

O POVO inicia hoje uma série de três reportagens sobre microcrédito no Brasil, mostrando como este tipo de empréstimo está mudando a vida de pessoas. Confira na edição de amanhã os desafios de apoiar o empreendedorismo de forma sustentável e as alternativas para além dos bancos tradicionais

SÉRGIO LIMA é artista plástico e transforma material eletrônico em arte. Ele recorreu ao microcrédito para comprar seu primeiro lote de sucata



MICROCRÉDITO NO CEARÁ

Instituição	O que é	Saldo da carteira 2018	Limites de empréstimos	Como funciona	Exigências
Banco do Nordeste do Brasil (BNB)	Crediamigo. Linha de crédito para capital de giro, investimento fixo e capacitação de microempreendedores individuais – formais ou informais – e microempresas com faturamento máximo de R\$ 200 mil ao ano.	R\$ 3,3 bilhões. No Ceará, foram investidos R\$ 2,8 bilhões	De R\$ 100 a R\$ 15 mil nos grupos solidários e de R\$ 300 a R\$ 15 mil para capital de giro individual	Disponibiliza tanto crédito individual, como em grupos solidários de três a dez pessoas. Depedendo da modalidade, o prazo pode chegar a 24 meses. Taxa de juros a partir de 1,08% ao mês e mais Taxa de Abertura de Crédito (TAC) de 3% sobre o valor liberado.	Depende do produto. No Crediamigo grupo solidário é preciso reunir de três a dez pessoas, que se constituem em avalistas uma das outras. Já no Giro Individual o cliente precisa ter um negócio próprio já estabelecido há 6 meses, com funcionamento regular e conhecimento da sua atividade. Precisa ser correntista, empreendedor informal com renda mensal até R\$ 16,66 mil, MEI ou microempresa com faturamento bruto até R\$ 200 mil; apresentar garantia pessoal de terceiros e endividamento no Sistema Financeiro Nacional (SFN) não pode exceder R\$ 40 mil.
Banco do Brasil	BB Microcrédito Empreendedor – Capital de Giro. Linha de crédito para microempreendedores individuais – formais ou informais – e microempresas com faturamento máximo de R\$ 200 mil ao ano.	R\$ 337 milhões. No Ceará, foram investidos R\$ 20,67 milhões	Até R\$ 15 mil	O prazo da operação de crédito varia de 4 até 15 meses e a taxa de juros oscila de 3,50% a 2,80% ao mês. Alíquota zero de Imposto sobre Operações Financeiras (IOF).	Ser maior de 18 anos ou emancipado e possuir conta na Caixa; não ter nome em cadastro de inadimplentes.
Caixa Econômica Federal	Microcrédito Produtivo Orientado Caixa. Linha de crédito para empreendedores individuais – formais ou informais – e microempresas com faturamento máximo de R\$ 200 mil ao ano.	R\$ 88 milhões	De R\$ 300 a R\$ 15 mil	Disponibiliza crédito individual, concedido por meio da metodologia de grupo solidário ou avalista. Prazo de pagamento de 24 meses. Taxa de juros para microempreendedor informal a partir de 3,50% a.m e para MEI a partir de 3,30% a.m. Disponibiliza crédito individual e por meio de grupo solidário de três a quatro pessoas que atuam como avalista uma das outras. Prazo máximo do financiamento até 24 meses. Taxa de juros varia ente 2% a 4% ao mês. Sem incidência de IOF.	Empreendedores informais ou formais que tenham uma atividade produtiva há pelo menos seis meses.
Santander	Prospera. Linha de crédito para empreendedores informais ou formais que tenham uma atividade produtiva há pelo menos 6 meses.	R\$ 1 bilhão. No Ceará foram investidos R\$ 100 milhões.	De R\$ 500 a R\$ 15 mil (dentro do PNMO) e de até 60 mil (fora da resolução, 4152)	Taxa de juros varia entre 2% a 4% ao mês. Sem incidência de IOF.	Ter mais de 18 anos; exercer, pelo menos, seis meses na atividade ou negócio (com ou sem CNPJ), e faturar até R\$ 200 mil ao ano. Não é necessário ter conta em banco.
Itaú	Itaú Microcrédito. Linha de crédito para empreendedores individuais – formais ou informais – e microempresas com faturamento máximo de R\$ 200 mil ao ano.	R\$ 18 milhões	De R\$ 400 a R\$ 14,5 mil	Taxas entre 2,79% a.m. e 4,0% a.m., prazo de até 24 meses. Pagamento mensal, quinzenal ou semanal. Taxa de Abertura de Crédito (TAC) de 3%.	Taxa de juros 3,99% ao mês, e Tarifa de Abertura Crédito (TAC) equivalente à 3% do valor contratado.
Bradesco	Microcrédito Produtivo Orientado. Linha de crédito para empreendedores individuais – formais ou informais – e microempresas com faturamento máximo de R\$ 200 mil ao ano.	Não informou o valor	Na primeira operação, os limites são de até R\$ 4 mil para Pessoa Física e de até R\$ 10 mil Pessoa Jurídica. Valores aumentam nas operações seguintes	Taxas entre 2,79% a.m. e 4,0% a.m., prazo de até 24 meses. Pagamento mensal, quinzenal ou semanal. Taxa de Abertura de Crédito (TAC) de 3%.	Ser empreendedor pessoa física ou jurídica com faturamento anual de até R\$ 200 mil. Sujeito a análise de crédito.
Mulher Empreendedora	Programa da Prefeitura de Fortaleza voltado exclusivamente para apoiar mulheres empreendedoras. O edital lançado em 2018, selecionou 79 projetos em áreas como confecção e economia criativa.	Não informou o valor	Até R\$ 15 mil	O beneficiário paga apenas 60% do valor, carência de seis meses para começar a pagar e em 15 parcelas mensais, sem juros.	Formar grupos com dois ou três empreendedores, sendo obrigatório que o gestor principal seja uma mulher; ter mais de 18 anos; ser de baixa renda; ter ensino fundamental completo
Banco Comunitário Palmas	Linha de microrcrédito para empreendedores formais ou informais que residam na área do grande Jangurussu.	R\$ 1,5 milhão	De R\$ 100 a R\$ 15 mil	Possui tanto crédito individual como em grupos solidários. O crédito é disponibilizado em Palmas E-dinheiro, moeda virtual do Banco Palmas, que pode ser convertido em reais ou aplicado em compras no comércio do bairro. A taxa de juros varia entre 1% e 3% ao mês. Crédito individual. O valor é disponibilizado em moeda virtual própria, Maracanã, que pode ser convertida em reais ou usado em compras no próprio bairro. Taxa de juros 2% ao mês. Prazo de financiamento de até doze meses.	Precisa ser morador da região do Jangurussu, tem que ter um negócio viável, funcionando há no mínimo seis meses. Se for um negócio nascente é preciso apresentar plano de negócio razoável. Pode ser formal ou informal.
Banco Comunitário Paju	Linhas de microcrédito para microempreendedores formais ou informais que residam em Pajuçara, Maracanau.	R\$ 300 mil	De R\$ 300 a R\$ 2,5 mil	Precisa ser morador da região de Pajuçara, em Maracanau; ter mais de 18 anos; possuir um negócio viável, formal ou informal.	



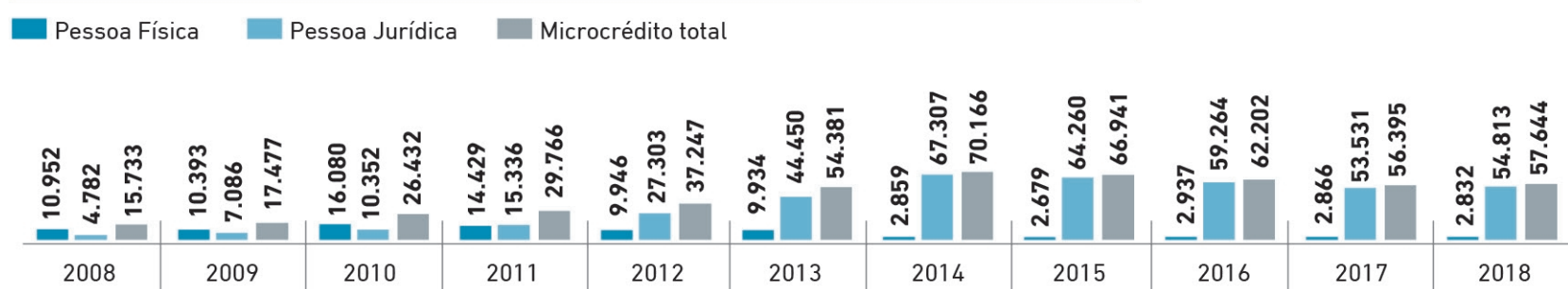
CREDIAMIGO

DENTRO do Crediamigo, mais de 75% da carteira de clientes ativos atua na área do comércio, como ambulantes, vendedores em geral, mercadinhos, papelarias, armarinhos, bazares, farmácias, armazéns, restaurantes, lanchonetes, feirantes, pequenos lojistas, açougueiros, vendedores de cosméticos, etc.

EM SEGUIDA, aparece o setor de serviços, que responde por 20% do total, com salões de beleza, oficinas mecânicas, borracharias.

JÁ NO SEGMENTO industrial (com 5%), o destaque são para marcenarias, sapatarias, carpintarias, artesanatos, alfaiatarias, gráficas, padarias e produção de alimentos.

EVOLUÇÃO DO SALDO DE MICROCRÉDITO CONCEDIDO NO BRASIL (R\$ - MILHÕES)



Ceará na liderança BNB responde por 63% das operações do País

Com saldo de ativos em R\$ 3,3 bilhões no Crediamigo, em 2018, o Banco do Nordeste do Brasil (BNB) respondeu por 63% das operações de microcrédito do País. Somado ao programa de microcrédito rural, o Agroamigo, é o principal financiador

desta modalidade de crédito na América Latina. Dentre os 11 estados que formam a área de atuação do banco, o Ceará foi onde o recurso foi mais aplicado. No ano passado, dos R\$ 8,9 bilhões em novas operações de microcrédito, 11,2% a mais do

que em 2017, R\$ 2,8 bilhões foram no Ceará, estado piloto do Crediamigo, em 1998. Além de Fortaleza, com mais de R\$ 81,7 milhões em 2018, destacam-se Maracanau (R\$ 203,7 mi), Itapipoca (R\$ 161,4 mi) e Limoeiro do Norte (R\$ 97,5 mi). A meta deste ano é elevar a marca para R\$ 3,5 bilhões no Estado, alta de 25%. O presidente do BNB, Romildo Rolim, explica que o desafio do microcrédito é atender clientes sem histórico bancário, com baixa capacidade

de garantias e sem renda comprovada. "Isso nos permite trabalhar com as menores taxas do mercado e ter uma inadimplência muito baixa", observa. Na última avaliação do Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste (Etene) sobre os impactos na Região, em 2014, foi constatado que houve crescimento de 60% na renda familiar após dez anos no programa, alta de 14% nos empregos, além de redução de 27% da pobreza e de 50% da pobreza extrema.



NEILA RODRIGUES estava desempregada e conseguiu crédito para comprar cosméticos para revenda

Apoio ao empreendedorismo sustentável

| MICROCRÉDITO | Como alguns programas têm ajudado pequenos empreendedores a usarem financiamentos para alavancar negócios e não como fonte de endividamento

IRNA CAVALCANTE

irnacavalcante@opovo.com.br

Os micros e pequenos negócios respondem por 27% do Produto Interno Bruto (PIB) nacional e geram 82% do total de postos de trabalho no Brasil. Entretanto, atravessar os primeiros anos de mercado e sobreviver à crise econômica que ainda persiste no Brasil e cargas de juros elevadas não é tarefa fácil. Por isso é necessário apoio para que o empreendedorismo seja sustentável e não conheça a palavra falência pouco tempo depois de ser inaugurado. Os dados são do Data Sebrae, acessado neste mês, e Ministério do Trabalho, de 2015.

O Ceará tem a oitava maior taxa de mortalidade de negócios de dois anos dentre os estados brasileiros, de 25%, segundo o último relatório de Sobrevivência das empresas no Brasil, divulgado pelo Sebrae em 2016. São dois pontos percentuais a mais que a média brasileira. Isso considerando o cenário pré-crise já que os dados de referência são de aberturas realizadas em 2012.

A doutora em economia social pela Universidade de Madri, Silvana Parente, explica que não é possível atribuir a um único fator a causa da mortalidade, mas sim, a uma combinação de fatores que vão desde a falta de capacitação, de planejamento dos negócios, à dificuldade de acesso ao crédito e ao mercado.

E é neste ponto que reside um dos diferenciais da tecnologia do microcrédito produtivo orientado em relação a outras modalidades de empréstimo. Ela, que coordenou a implantação do Crediamigo, programa de microcrédito do Banco do Nordeste (BNB), em 1997, e já deu consultoria a vários bancos nesta área, explica que embora a capacitação do empreendedor não seja o papel da instituição financeira e nem deva estar condicionada à concessão do crédito, a figura

do agente de crédito que dialoga com o cliente, conversa sobre fluxo de caixa, planejamento e orienta sobre o uso do empréstimo faz toda a diferença para aquele negócio.

“Não é só conceder o crédito. Se der muito dinheiro para aquele que está na subsistência, ele vai comer. Se for pouco, não vai conseguir fazer girar o negócio. É preciso estar próximo daquele cliente, entender aquela realidade, usar uma linguagem que faça sentido para ele”.

Silvana reforça que é a figura do agente de crédito que faz a diferença também nos números do Crediamigo. E a razão para muitos bancos grandes terem dificuldade de entrar na baixa renda. “A lógica é diferente. Este tipo de metodologia ajuda bastante a evitar o superendividamento, ajuda o empreendedor a refletir sobre o uso, evita desvios, garantir o retorno do investimento”.

Na vida de Neila Maia Rodrigues, 30, a assistência recebida pelo banco Paju foi fundamental para que ela conseguisse progredir nos negócios. Assistente social por formação, ela começou a vender Avon em 2017. À época, estava desempregada e com um filho na barriga e sem muitas perspectivas quanto ao futuro.

Moradora do distrito de Pajuçara, em Maracanaú, recorreu ao banco comunitário do bairro para comprar mais mercadorias. Também fez, por intermédio do agente de crédito, oficina de capacitação, participou de palestras sobre gestão e encontros com outros empreendedores do bairro.

Cinco anos depois do primeiro dos muitos empréstimos, e com o suor do trabalho diário, conseguiu fazer um puxadinho na frente da casa da mãe para montar o Armazinho Perfumado. “Hoje não é mais uma renda extra, é o meu trabalho. Sou uma empreendedora”, diz com orgulho.



A SÉRIE

Esta é a segunda matéria da série de três reportagens sobre microcrédito no Brasil, no **O POVO**. A primeira, publicada ontem, mostrou como este tipo de crédito está mudando a vida das pessoas. A de amanhã trata sobre as perspectivas do microcrédito para o futuro e o que precisa ser feito para aumentar a capilaridade deste tipo de programa pelo País.

HISTÓRIA

> **No Brasil**, a primeira experiência em microcrédito foi do Programa Uno, de 1973 a 1991.

> **Na década de 1980**, surgiram as unidades da Rede Ceape e do Banco da Mulher, com objetivo de oferecer crédito a microempreendedores.

> **Em 1996**, o BNDES criou o Programa de Crédito Produtivo Popular (PCPP) para fornecer *funding* para organizações da sociedade civil especializadas em microcrédito.

> **E em 1997**, o BNB lançou o Crediamigo, maior programa da América Latina.

> **Em 1999**, organizações da sociedade civil de interesse público (Oscip) passaram a acessar recursos públicos para oferecer microcrédito.

> **Em 2001**, a Lei 10.194/2001 ajudou a impulsionar a iniciativa privada nesta modalidade.

> **Em 2005**, foi lançado o Programa Nacional de Microcrédito Produtivo Orientado (PNMPO).

> **Em 2011**, o Governo Federal lançou o Programa Crescer, que oferece crédito a pequenos e microempreendedores.

> **No ano passado**, a lei 13.636/18 facilitou o acesso ao crédito para microempresários e autônomos.

Fonte: BNDES, Página do Microcrédito, portal do FAT.

Nas comunidades. Periferia Alternativas para além dos bancos comerciais

Quando se fala em conseguir um empréstimo, a primeira imagem que vem à cabeça é um banco. Certo? Mas nem sempre. Quando se trata de microcrédito, vários outros agentes de crédito são autorizados a fazer este tipo de operação no Brasil.

Podem operar no Programa Nacional de Microcrédito Produtivo Orientado, que usa como fontes de recursos o Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT) e o Orçamento Geral da União, por exemplo, os bancos comerciais, os públicos, de desenvolvimento, os múltiplos com carteira comercial; cooperativas centrais de crédito; cooperativas singulares de crédito; agências de fomento; sociedade de crédito ao microempreendedor e à empresa de pequeno porte; e organizações da sociedade civil de interesse público.

O Banco Palmas, instituição comunitária do Conjunto Palmeiras, na periferia de Fortaleza, e que hoje é referência para 113 bancos deste tipo em desenvolvimento no Brasil, já rodou mais de R\$ 27 milhões em microcrédito desde a sua criação, há 20 anos. No ano passado, foi R\$ 1,5 milhão.

“A gente olha para aqueles que os bancos não querem olhar: os mais pobres. Muitas vezes é o informal, aquele ambulante que sequer tem dinheiro para comprar o bombom para vender na rua”, explica o idealizador do banco, Joaquim de Melo, ressaltando que a concessão do crédito está muito ligada à avaliação da viabilidade do negócio.

Ele explica que por atuar dentro da lógica de economia solidária, com moeda própria, o E-Dinheiro Palmas, que circula no comércio do próprio bairro (embora também possa ser convertido em reais), o impacto na microeconomia local

é muito maior.

“Isso ajuda a alavancar vários negócios. A gente tem uma visão de que o microcrédito sozinho não resolve. É preciso capacitar, incentivar para que aquela renda circule em uma rede local de produtores, consumidores, que participem da comunidade, dos seus problemas sociais, numa rede de comercialização local. O efeito multiplicador é muito maior porque retroalimenta a economia do bairro”, acrescenta.

O Banco Paju, no distrito de Pajuçara, em Maracanaú, criado em 2006, já beneficiou mais de mil pessoas com microcrédito, nas mais diversas atividades, como comércio, serviços, moradia etc. O coordenador geral do banco, Francisco Eudásio da Silva, explica que a mudança quando o crédito é bem aplicado é notória. “Podemos destacar pelo menos três: econômico, social e autoestima dos envolvidos”.

A Prefeitura de Fortaleza também lançou ano passado seu próprio programa de microcrédito, o Mulher Empreendedora. Ao todo, 76 mulheres foram atendidas por meio de capacitações, acompanhamento técnico e financiamento subsidiado de até R\$ 15 mil para a aquisição de máquinas, insumos e equipamentos, em bairros cujo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH-b) é considerado baixo. Um novo edital deve ser lançado ainda neste semestre. A meta é selecionar 121 projetos.

27

milhões em microcrédito foi o que girou o Banco Palmas, em 20 anos.

O desafio de chegar a quem mais precisa

| CIDADANIA FINANCEIRA | O microcrédito representa 3% dos financiamentos de microempreendedores individuais. Para avançar, é preciso novo olhar à periferia

IRNA CAVALCANTE

irnacavalcante@opovo.com.br

O microcrédito, mesmo sendo ferramenta de apoio aos pequenos empreendedores, ainda está distante de uma significativa parcela da população. Prova disso é que embora o Brasil possua pouco mais de 8,7 milhões de microempreendedores individuais (MEI) registrados na Secretaria Especial da Micro e Pequena Empresa (Sempe), apenas 19% possuíam relacionamento com o sistema financeiro formal como pessoa jurídica até dezembro de 2016 e 8% tinham operações de crédito na data-base. Além disso, o microcrédito representa apenas 3% do saldo da carteira dos MEI.

Considerando todas as operações de crédito realizadas pelo Sistema Financeiro Nacional (SFN), a carteira de Microcrédito Produtivo Orientado não passa de 0,4% do montante total. Os dados do estudo "Panorama do microcrédito concedido a microempreendedores individuais", divulgado em 2017 pelo Banco Central (BC), evidencia o quão grandes ainda são os desafios do Brasil no que se refere à cidadania financeira da população.

O próprio presidente do Banco Central, o economista Roberto Campos Neto, em sua sabatina no Senado, em fevereiro, reconheceu a importância desta política para redução da desigualdade. "O microcrédito permite o contato prático da população com conceitos financeiros em um ambiente simplificado e de risco controlado".

Na posse, em igual mês, informou que pretende promover grupos de estudos junto a participantes do mercado e à sociedade civil para identificar boas práticas e buscar adequá-las à realidade de cada uma das regiões.

Para o coordenador de MBA da Fundação Getúlio Vargas (FGV), Ricardo Teixeira, falta mais capilaridade das instituições para chegar à base da pirâmide. "Nem todas as instituições fazem isso. Quanto mais perto o agente de crédito, maior o compromisso em honrar aquela dívida".

A doutora em Economia Social, Silvana Parente, reforça que para isso é preciso subverter a lógica do sistema. "A essência do microcrédito não é transferência de renda, é o estímulo ao empreendedorismo. Mas não dá para fazer isso seguindo o modelo capitalista que é aplicado à grande empresa, é preciso construir um modelo de desenvolvimento de economia solidária".

Em 2017, ela, em parceria com os pesquisadores Conceição Faheina e Santiago Varela, assinaram um estudo para World Without Poverty (WWP) - Iniciativa Brasileira de Aprendizagem para um Mundo sem Pobreza, da Organização das Nações Unidas (ONU), em que mostram os fatores que contribuem para que o Crediamigo (operado pelo Banco do Nordeste- BNB) seja o maior programa de microcrédito da América Latina.

Dentre outros pontos, estão: a adoção rigorosa da

metodologia do microcrédito produtivo orientado e das finanças de proximidade como uma prioridade para o Banco; o enfrentamento de tabus contra a viabilidade dos pequenos negócios e a capacidade gerencial dos pequenos empreendedores; a adoção do bônus de adimplência para estimular a pontualidade nos pagamentos; a diversificação de produtos para atender a demanda crescente dos clientes; e a adoção de modelo de gestão operacional e de pessoas especificamente desenhados para a atividade de microcrédito.

Silvana manifesta, no entanto, preocupação em relação ao futuro do banco. Para ela, se o BNB for extinto ou incorporado a outras instituições de desenvolvimento, a política de microcrédito pode estar em risco. "O que seria muito prejudicial ao Nordeste".



A SÉRIE

Esta é a última matéria da série de três reportagens sobre microcrédito no Brasil no **O POVO**. A primeira, do último dia 20, mostrou como este tipo de crédito está mudando a vida das pessoas. Ontem, foi a vez de apresentar como o empreendedorismo deve ser incentivado de forma sustentável e as alternativas aos bancos convencionais.

EVILÁZIO BEZERRA



LEONARDO Costa conseguiu manter o negócio e comprar a casa própria por meio de microcrédito no Santander

Financiamento. Classes sociais É preciso desfazer mitos

Para desenvolver produtos financeiros a pessoas de baixa renda é preciso também se despir de preconceitos, alerta o mestre em Administração e professor da Universidade Estadual do Ceará (Uece), Plácido Castelo Neto.

"Tem muita coisa acontecendo nas periferias, inovação. O que falta muito é oportunidade para fazer girar esses negócios. Daí a importância do microcrédito", diz.

Uma das principais conclusões do estudo "Segmentação em inclusão financeira no Brasil", feita pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) e a J.P. Morgan, no ano passado, mostra ainda que apenas aspectos demográficos

como renda e idade não são suficientes para entender a diversidade das classes C, D e E.

A pesquisa, feita com mais de 1.500 pessoas, apontou, por exemplo, comportamentos financeiros bem heterogêneos nestas faixas de renda. No Nordeste, por exemplo, se 40% dos empreendedores têm um perfil mais conservador, 38% são desorganizados financeiramente e 28% planejados.

E ao contrário de estereótipos, a maior parte da população das classes CDE têm controle de suas finanças. Um quarto deles, por exemplo, conseguiu poupar no último ano, mas grande parte guardou dinheiro em casa.

Leonardo Andrade, 33,

morador da Barra do Ceará, é daqueles que sonha alto, mas planeja seus passos. Há três anos, vendeu o carro e decidiu montar sua própria oficina. Com um ano de funcionamento, no entanto, a crise econômica mostrou que isso seria mais difícil do que esperava. "Pensei até em mudar de área".

Embora tivesse o nome limpo, o *score* bancário muito baixo (espécie de *ranking* de avaliação do cliente pelo banco) o impedia de acessar as linhas convencionais de crédito. Foi quando entrou no programa de microcrédito do Santander, o Prospera. "Para mim foi a solução, porque não tinha burocracia e me deu o empurrãozinho quando achei que não tinha mais saída".

Com o dinheiro, ele comprou mercadoria e equalizou dívidas. E conforme ia renovando os empréstimos - pagos sempre em dia, como faz questão de frisar - ia ganhando novo fôlego para reinvestir e poupar. Hoje, conseguiu não apenas manter o negócio, como comprar a casa própria e um carro. "É claro que foi preciso muito do meu trabalho, esforço, mas, sem dúvida, ter alguém que apostasse em mim ajudou muito".

O QUE VEM POR AÍ

O POVO perguntou ao Banco do Nordeste (BNB), Santander e Banco Palmas, as três instituições que mais se destacaram em 2018 na concessão de microcrédito nos segmentos de banco de desenvolvimento, banco comercial privado e banco comunitário, respectivamente, quais as novidades para 2019.

BNB - A aposta é na transformação digital do Crediamigo para melhorar o atendimento e o trabalho dos agentes por meio de aplicativos de mobilidade, da automação de rotinas e

da ampliação da capacidade de processamento dos sistemas. Neste semestre, também será lançado o seguro que garante a renda do empreendedor em caso de internação hospitalar e um fundo de investimento para estimular a formação de poupança.

Santander - No Ceará, o programa Prospera atende mais de 50 municípios. Para este ano, está prevista a contratação de mais de 40 funcionários e novas filiais nas cidades em: Baturité, Itapipoca, Quixadá, Barbalha, Crateús, Iguatu e Limoeiro do Norte no

primeiro semestre de 2019. Além dessas cidades, os Agentes Prospera conseguirão atender mais de 114 municípios do Estado.

Palmas - Além de oferecer crédito, realiza uma feira mensal no bairro de Fortaleza com os empreendedores, possui loja solidária e um laboratório de Inovação (Palm Lab). Além de fortalecer essas iniciativas, está ajudando a organizar a Cooperativa do Prato Colorido, com 30 mulheres do bairro que atuam na gastronomia.



O que falta muito é oportunidade para fazer girar esses negócios. Daí a importância do microcrédito"

Plácido Castelo Neto, mestre em Administração e professor da Uece